



Detalhe do afresco do Juízo Final,
Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

Deus nos criou para a eternidade feliz junto a Ele no Céu, e é a este gozo que aspira nossa alma. Entretanto, com as misérias que carregamos, consequência do pecado original e de nossas próprias debilidades e quedas, como chegar até lá?

Arrebata-nos pensar nos Santos e acorremos enlevados ao seu encalço, para que nos auxiliem em nossa empreitada, mas o que fizeram eles para ascender ao Paraíso e de lá nos ajudarem?

Sem dúvida, rezaram muito, pois só tem forças para praticar a virtude aquele que reza, e venceram-se a si próprios, triunfando sobre seus defeitos. Pela prática assídua da oração, prestaram atenção às suas inclinações desordenadas, evitando assim cair em pecado. Seguiram, em suma, o conselho dado por Nosso Senhor aos Apóstolos, no Horto das Oliveiras: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mt 26, 41).

Uma vigilância muito superior à terrena

%#

5 f h] [c g

Existe uma vigilância natural, indispensável para bem cuidarmos das coisas terrenas, da qual é ótimo exemplo a atitude exigida de uma sentinela em tempo de guerra: se ela dormir no posto, a corte marcial a sujeitará a severas penas.

Ora, comenta Mons. João Scognamiglio Clá Dias, “todos nós somos sentinelas numa guerra muito mais grave do que a defesa da própria pátria terrena. São Pedro diz que o demônio ronda em torno de nós como um leão, querendo nos devorar (cf. I Pd 5, 8). Constantemente nos vemos cercados de perigos e, se queremos salvar nossa alma, é preciso estar sempre em estado de alerta, sermos vigilantes”.¹

Portanto, há uma vigilância que é superior à meramente natural ou terrena: a espiritual, aquela pela qual o homem vigia sobre suas más tendências para alcançar a santidade, vigia sobre os inimigos da Igreja para combatê-los, vigia para fazer a vontade de Deus, seguindo as moções da graça.

Com razão ensina o Divino Mestre: “Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, ao voltar de uma festa, para que, quando vier bater à porta, logo lha abram. Bem-aventurados os servos a quem o senhor achar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: cingir-se-á, fá-los-á sentar à sua mesa e servi-los- -á. Se vier na segunda ou se vier na terceira vigília e os achar vigilantes, felizes daqueles servos! Sabei, porém, isto: se o senhor soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria forçar a sua casa. Estai, pois, preparados, porque, à hora em que não pensais, virá o Filho do Homem” (Lc 12, 35-40).

Devemos estar sempre “com os rins cingidos”

Comentando este trecho, Mons. João² explica que o fato de cingir os rins para estar em sociedade fazia parte da boa educação na época de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois, na intimidade, admitia-se ficar sem turbante, sem cingulo e sem calçado, na despreocupação e até com certo relaxamento. Contudo, diante do senhor que chega da festa, tal atitude nunca se poderia tomar.

&#

5 f h] [c g

Da mesma forma em nossa vida espiritual, precisamos permanecer sempre com “os rins cingidos” e “as lâmpadas acesas”, vigilantes. A que horas chegará o Senhor? Não sabemos. Perante Deus, nunca relaxados, nunca despreocupados! “Pervadidos da certeza de que o Juiz Supremo virá, mas não sabendo em que momento, devemos estar vigilantes ininterruptamente para não sermos apanhados à sua chegada”.³

E se a perspectiva do Juízo Final nos parece muito remota, consideremos a incerteza acerca do momento de nossa morte para compenetrarmo-nos a fundo da enorme gravidade da vigilância: “Nenhum homem a si mesmo pode salvar-se, nem pagar a Deus o seu resgate. Caríssimo é o preço da sua alma. Jamais conseguirá prolongar indefinidamente a vida e escapar da morte” (Sl 48, 8-10).



Oração no Horto -
Museu São Pio V, Valência
(Espanha)

Quem não precisará acertar suas contas na hora marcada com o Juiz Justíssimo e Supremo? Não é sem razão que exorta São Pedro em sua Segunda Carta: “Caríssimos, esperando estas coisas, esforçai-vos em

ser por Ele achados sem mácula e irrepreensíveis na paz” (3, 14). É preciso vigiar!

Virtude derivada da prudência

A vigilância, ensina São Tomás, faz parte da virtude prudência.⁴ E Santo Agostinho, raciocinando em sentido inverso, afirma ser próprio da prudência “a vigilância e a diligência, a fim de não sermos seduzidos nem de improviso, nem pouco a pouco”.⁵

O homem prudente deve ter também sagacidade, isto é, “a prontidão de espírito para resolver por si mesmo os casos urgentes, em que não é possível pedir conselho”.⁶ Deve conjecturar com acerto, rapidamente, ter saída para todas as situações e saber dar respostas imediatas. Sem vigilância e sagacidade navega-se ao sabor das ondas da vida, sendo arrastado pela correnteza do bravo e agitado mar do pecado.

Faz parte da virtude da prudência lembrar os fatos do passado e tirar deles princípios úteis para enfrentar os problemas futuros; analisar os episódios do dia a dia e deles extrair elementos para a formação do próprio caráter; admirar pessoas virtuosas que sirvam de arquétipo espiritual.

Feito isto, “é preciso viver como se pensa, senão, cedo ou tarde, se termina por pensar como se viveu”.⁷

“Revesti-vos da armadura de Deus”

Ainda que Deus esteja “mais solícito para salvar-nos do que o demônio para perder-nos”,⁸ como assegura Santo Afonso, porque o amor d’Ele é maior e mais eficaz do que o ódio que nos tem satanás, não significa que podemos viver despreocupados em relação ao espírito das trevas, pois ele está à nossa espreita. É um perigo faltarmos com a vigilância neste ponto!

Mais uma vez, encontramos nos ensinamentos do Apóstolo uma séria admoestação a respeito: “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de

(#

5 f h] [c g

carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares. Tomai, portanto, a armadura de Deus, para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever. Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraçai o escudo da Fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus. Intensificai as vossas invocações e súplicas. Orai em toda circunstância, pelo Espírito, no qual perseverai em intensa vigília de súplica por todos os cristãos” (Ef 6, 11-18).

Deixando-se arrastar por um injustificado otimismo, muitos de nossos contemporâneos evitam tomar em consideração esta luta entre Anjos e demônios de que fala São Paulo. Ora, nada pode ser mais nocivo para nossa vida espiritual, pois a existência de cada homem sobre a terra é uma batalha na qual os espíritos celestiais lutam para nos conduzir à visão beatífica, enquanto os anjos rebeldes se esforçam em nos jogar no inferno.

Deixando-se arrastar por um injustificado otimismo, muitos de nossos contemporâneos evitam tomar em consideração esta luta entre Anjos e demônios de que fala São Paulo. Ora, nada pode ser mais nocivo para nossa vida espiritual, pois a existência de cada homem sobre a terra é uma batalha na qual os espíritos celestiais lutam para nos conduzir à visão beatífica, enquanto os anjos rebeldes se esforçam em nos jogar no inferno.

Nessa perspectiva compreende-se ainda melhor o papel da vigilância pois conforme explica Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, ela “consiste em crermos nos poderes angélicos e na ação dos demônios”.⁹

Com efeito, continua ele, “faz parte do dinamismo das coisas haver pessoas que se dão mais a Nosso Senhor e outras menos. E devemos ter sempre em vista o princípio, aceito pela maioria dos teólogos, segundo o qual todas as vezes que um homem tem uma tentação por uma causa natural, o demônio junta-se a esta para agravar a tentação.”⁹

Se, por exemplo, um dos presentes está irritado com um companheiro que se encontra ao seu lado e fica infernizado com isto, esta pequena tentação de irritação será acrescida por um cutucão do demônio para agravá-la. Quer dizer, o demônio está sempre atuando, os Anjos da Guarda estão sempre nos protegendo. Devemos discernir a ação do demônio e pedir a do Anjo da Guarda. Precisamos rezar e vigiar”.10



Sacerdotes e seminaristas dos Arautos do Evangelho durante a recitação da Liturgia das Horas

É necessário orar sempre!

Vigilância e oração! Quem deseja alcançar o Céu deve galgar a montanha da perfeição com a ajuda destes dois instrumentos, e corre sério risco de ficar a meio caminho se deixar de lado um ou outro. A Providência nos reserva grandes lutas temporais e espirituais. Para vencê-las é preciso rezar muito, pois Deus está junto daquele que pede seu auxílio: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

“É necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo” (Lc 18, 1), disse Jesus aos seus discípulos. Não obstante, alguém poderia perguntar o que vem a ser exatamente a oração, no que atinge a este preceito. Consistiria apenas em repetir a Ave-Maria, o Pai-Nosso ou a Salve Rainha? Por mais belas e piedosas que sejam estas preces, como ficar o tempo inteiro recitando-as, se tantas obrigações temos a

*#

cumprir?

O Doutor Angélico recolhe e analisa algumas definições de oração dadas pelos Santos e o Pe. Royo Marín as sintetiza em uma frase que reflete seus aspectos essenciais: “A oração é a elevação da mente a Deus para louvá-Lo e pedir-Lhe coisas convenientes à salvação eterna”.¹¹

Portanto, quem reza coloca a atenção primeira de sua alma em Deus e tudo faz em função da vontade divina, elevando-se por cima das preocupações concretas.

Tudo podemos com a oração

Os Evangelhos deixam transparecer que nada em Nosso Senhor Jesus Cristo deixava de evocar o sacrossanto, o sobrenatural. E, mesmo sendo Homem-Deus, não se dispensou da oração. Com muita frequência Ele despedia as multidões e Se retirava às montanhas para “orar na solidão” (Mt 14, 23). Dir-se-ia que Ele não precisava elevar-Se a Deus, porque era Deus e sua alma já estava na visão beatífica; no entanto, rezava. Tanto mais nós, seres humanos, devemos rezar!



+/#

5 f h] [c g

Capela de Adoração ao Santíssimo
Sacramento, Casa Monte Carmelo,
Caieiras (SP)

Afirma ainda Santo Afonso Maria de Ligório que Deus quer conceder as coisas necessárias à salvação aos que rezam: “Tudo poderemos com a oração, por meio da qual Deus nos dará o que não temos”.¹² As graças vêm em profusão e de modo eficaz àqueles que pedem, e o pedir já é uma oração. Por tal razão ele não hesita em afirmar: “Quem reza se salva. Quem não reza, certamente se condena”.¹³

Sem a oração ninguém estará pronto para as lutas cotidianas, pois não terá a alma impostada em Deus, que é a nossa força. Ademais, temos um Intercessor para nossas orações, o próprio Cristo. Por isso, deve-se “rezar como se respira, e portanto, em nenhum momento perder o fôlego nem o ânimo. A oração unida à de Jesus e feita por sua intercessão, é infalível”.¹⁴

Muitos inimigos ameaçam o nosso espírito. É necessário enfrentá-los e derrubá-los, mas isso só se consegue pela oração: “O Reino dos Céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam” (Mt 11, 12).

Tal “violência” se faz através da oração e da vigilância. É necessário rezar com espírito de luta, com a disposição de tirar tudo de si contra o demônio, o mundo e a carne, nunca dar um passo para trás, nunca se colocar em ocasião de pecado. Assim – e só assim! – alcançaremos o convívio eterno com Deus e com seus Anjos e Santos, no Céu. (*Revista Arautos do Evangelho, Fevereiro/2019, n. 206, p. 36-39*)

1 CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. A vigilância: uma esquecida virtude? In: O inédito sobre os Evangelhos. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.I, p.14. 2 Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Basta rezar? In: O inédito sobre os Evangelhos. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2012, v.VI, p.278. 3 Idem, p.280. 4 Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. II-II, q.47, a.9. 5 SANTO AGOSTINHO. De moribus Ecclesiae Catholicae. L.I, c.24, n.45. In: Obras Completas. Madrid: BAC, 1956, p.317. 6 ROYO MARÍN, OP, Antonio. Teología de la perfección cristiana. 6.ed. Madrid: BAC, 1988, p.543. 7 BOURGET, Paul. Le démon de midi. Paris: Plon, 1914, p.375. 8

, #

5 f h] [c g

SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *Preparação para a morte. Considerações sobre as verdades eternas*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1956, p.69. 9 CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Santa Francisca Romana: discernimento e firmeza face aos demônios*. In: Dr. Plínio. São Paulo. Ano XVI. N.180 (Mar. 2013); p.32. 10 *Idem, ibidem*. 11 ROYO MARÍN, op. cit., p.627. 12 SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *A Oração*. 19.ed. Aparecida: Santuário, 1987, p. 44. 13 *Idem, p.42*. 14 CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O poder da oração pertinaz!* In: *O inédito sobre os Evangelhos*, op. cit., v.VI, p.242.

- #